

Modalização e construção do humor nas crónicas de Ricardo Araújo Pereira

PINTO, ALEXANDRA GUEDES
mapinto@letras.up.pt

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Investigadora e membro do Conselho Científico do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

PEREIRA, CARLA
silva.pereir@sapo.pt

Pós-graduanda em Consultoria e Revisão Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Investigadora do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
modalização;
humor;
recorrências
enunciativo-pragmáticas;
crónicas jornalísticas.

RESUMO: O presente trabalho incidiu sobre a análise de um conjunto de crónicas humorísticas e satíricas da autoria de Ricardo Araújo Pereira, publicadas entre Dezembro de 2011 e Março de 2013, na revista de grande informação *Visão*, com o objetivo de isolar um conjunto de recorrências enunciativo-pragmáticas no discurso do autor. Das recorrências identificadas, foram selecionadas para este trabalho aquelas que mais de perto se relacionam com o tema ‘modalização e géneros discursivos’, tais como certos marcadores de modalização, epistémica, deôntica e apreciativa, usados na construção do tom irónico. Outras recorrências, como a intertextualidade e interdiscursividade, e a invocação de ‘vozes’ de outros, voltadas, ora para a validação do seu próprio discurso, ora para a desqualificação do discurso do Outro, dão cumprimento à dimensão pragmática de sátira das crónicas do autor. Também as marcas de um registo informal oralizante contribuem para um estilo de escrita dialogal e expressivo. Os contrassensos (*non-senses*), ora resultantes da combinação sintagmática de expressões paradigmaticamente distantes, em termos de registo de língua, ora, da aproximação sintática de realidades semântica e pragmaticamente incompatíveis, contribuem, em conjunto com as restantes características, para configurar o estilo de escrita das crónicas de Ricardo Araújo Pereira.

KEYWORDS:
modalization;
humour;
enunciative-pragmatic
recurrences;
journalistic chronicles

ABSTRACT: This study focused on the analysis of a set of satirical chronicles of Ricardo Araújo Pereira, published between December 2011 and March 2013, in the newsmagazine *Visão*, in order to isolate a set of enunciative-pragmatic recurrences in the author’s discourse. Amongst the isolated recurrences we selected for this paper the most closely related to the topic ‘modality and the genres’ such as the markers of epistemic, deontic and appreciative modality, used to construct

the ironic tone pervasive throughout his speech. Other recurrences such as intertextuality and interdiscursivity and the invocation of other 'voices' are either directed to the validation of his own discourse, or to the disqualification of the discourse of the other, in compliance with the pragmatic dimension of social satire of his chronicles. Similarly, the marks of an oral informal register contribute to a dialogical and expressive writing style. The nonsenses, either resulting from the syntagmatic combination of paradigmatic distant expressions in terms of language registers, or from the syntactic combination of semantic-pragmatic incompatible realities, contribute, together with the rest of the markers, to the writing style of Ricardo Araújo Pereira's humorous articles.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho incidiu sobre a análise de 62 crónicas humorísticas e satíricas da autoria de Ricardo Araújo Pereira (RAP), conhecido humorista e cronista português, publicadas entre Dezembro de 2011 e Março de 2013, na rubrica *Boca do Inferno* da revista de grande informação *Visão*, nas quais se abordam os mais diversos temas da atualidade política, económica e social do país e do mundo.

O objetivo do trabalho, partindo de uma análise de cada um dos artigos em particular, foi o isolamento de recorrências enunciativo-pragmáticas no discurso do autor que permitissem detetar um padrão na sua escrita e na forma de construção do humor.

Do levantamento destes marcadores, etapa da qual resultou uma extensa lista de regularidades, demos prioridade neste trabalho a alguns de entre eles, a saber, àqueles que mais de perto se relacionam com o tema das jornadas em que o mesmo foi apresentado, a saber: “Modalização e géneros discursivos”.¹

Traço transversal a todas as crónicas de RAP é o tom irónico e sarcástico, que se confunde com / que contribui para o efeito humorístico dos seus textos. Assim, embora estes conceitos se encontrem implícitos em toda a nossa reflexão, a questão delicada da distinção conceptual entre os mesmos - a ironia, a sátira, o sarcasmo e outras formas de derrisão linguística - não será aprofundada neste trabalho, dada a complexidade desta distinção num quadro enunciativo-pragmático, enquadramento teórico que tomamos como referência neste estudo.

1. INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR

Do conjunto dos marcadores isolados, começamos por referir a presença expressiva na escrita do autor dos mecanismos da intertextualidade e da interdiscursividade.

1. Este trabalho foi apresentado nas Jornadas Internacionais de Análise do Discurso III - JADIS III - realizadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em novembro de 2013.

Para Charaudeau e Maingueneau (2002), na esteira de outros autores, todo o discurso é um interdiscurso, já que todo ele estabelece um diálogo real ou virtual com outros discursos já produzidos e apenas ganha sentido pleno dentro desse universo de outros discursos face aos quais ele se posiciona. A interdiscursividade é, assim, um fator constitutivo do próprio conceito de discurso, comparável ao conceito de dialogismo constitutivo recuperado de Bakhtine (1977, 1984) e formalizado, por exemplo, por Authier-Revuz (1985), Moirand (1988) e Fairclough (1992), entre outros.

Com efeito, noções centrais na própria definição de discurso, a intertextualidade e a interdiscursividade conhecem propostas de delimitação conceptual variáveis, de acordo com os autores. O conceito de intertextualidade introduzido nos estudos da Teoria Literária pela mão de Júlia Kristeva, na década de 1960, tem por base o dialogismo bakhtiniano e pretende formalizar a noção de que cada texto constitui um intertexto numa sucessão de textos já escritos. De facto, para Kristeva (1967: 440),

(...) tout texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d'un autre texte. A la place de la notion d'intersubjectivité s'installe celle d'intertextualité, et le langage poétique se lit, au moins, comme double.,

conceção que é prolongada por Roland Barthes (1973):

Tout texte est un intertexte; d'autres textes sont présents en lui, à des niveaux variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables : les textes de la culture antérieure et ceux de la culture environnante ; tout texte est un tissu nouveau de citations révolues. [...] L'intertexte est un champ général de formules anonymes, dont l'origine est rarement repérable, de citations inconscientes ou automatiques, données sans guillemets.

Fairclough (1992) propõe uma clarificação entre os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, distinguindo entre uma *intertextualidade manifesta* e uma *intertextualidade constitutiva* ou *interdiscursividade*. Esta última diferencia-se da primeira porque se relaciona com o cruzamento entre géneros e estilos discursivos.

Para Charaudeau e Maingueneau (2002: 327), o termo *intertextualidade* designa o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um determinado texto ou grupo de textos mantém com outros textos. Estes autores distinguem uma *intertextualidade interna* de uma *intertextualidade externa* (ibidem: 329), consoante estejamos perante a ligação entre um determinado discurso e outros do mesmo campo discursivo ou uma ligação entre discursos de campos discursivos distintos, por exemplo entre um discurso teológico e um discurso científico. Realçam também a questão de que se tende a falar de *intertextualidade* quando se trata de uma relação entre textos-fonte precisos (citação, paródia...) e de *interdiscursividade* nos casos em que as recuperações são mais difusas (ibidem).

Fiorin secunda esta tendência de separação entre os conceitos intertexto/interdiscurso e intertextualidade/interdiscursividade, defendendo que a intertextualidade é “um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”, e a interdiscursividade, “o processo em que se incorporam percursos temáticos ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outros.” (Fiorin, 2003: 35).

A presença mais ou menos explícita, sob a forma de citação ou alusão, de outros textos no discurso de RAP – intertextualidade - ou a incorporação de uma estrutura, de uma “armação textual” alheia num texto seu - interdiscursividade – como veremos nos exemplos abaixo, ativa a convocação de lugares comuns que apelam à memória discursiva do leitor, facilitando a sua aproximação, através de um conhecimento partilhado, implícito no dito. Importa sublinhar que se estes diálogos intertextuais/interdiscursivos instaurados pelo autor não forem reconhecidos pelo leitor, este pode não conseguir reconstituir o sentido do dito, perdendo-se assim o efeito humorístico e, com ele, as intenções do locutor. É de referir também que o diálogo que se cria entre diferentes textos e discursos permite a RAP estabelecer analogias jocosas entre duas realidades que o autor aproxima para comparar: a realidade atual, objeto de crítica por parte do autor, e uma realidade que o autor convoca para viabilizar a crítica social de forma atenuada e humorística, como podemos constatar pelos exemplos abaixo:

- 1) “*Todo o mundo é composto de mudança, eu sei. Jamais te banharás duas vezes nas águas do mesmo rio, e tal.*” (in *O mundo não querará fazer o favor de estar quieto?*, de 17/01/2013);
- 2) “*Todas as cartas de amor são ridículas, mas não tanto como as saudações natalícias entre altos dignatários do Estado.*” (in *Um mediano Natal e um ano novo cheio de moderada felicidade*, de 03/01/2013);
- 3) “*...permitam-me que lance eu aqui o alerta do costume: Desapareceu de seu palácio Aníbal Cavaco Silva. Quando foi visto pela última vez, vestia fato escuro e gravata azul.*” (in *O fantasma do Cavaco passado*, de 14/11/2012);
- 4) “*Adão pecou e transmitiu-nos o pecado original, e ao mesmo tempo terá contraído uma dívida (provavelmente, junto do proprietário da macieira), transmitindo-nos também o endividamento original.*” (in *A culpa morre poliândrica*, de 13/09/2012);

Como vemos, a partir dos exemplos de 1) a 4), recuperando a distinção proposta pelos autores entre intertextualidade e interdiscursividade, encontramos casos explícitos de intertextualidade na recuperação de fragmentos de textos anteriormente produzidos e reconhecíveis, por exemplo em 1) e 2), e casos de interdiscursividade, entendido este fenómeno enquanto a recuperação de um modelo textual prototípico, nos exemplos 3) e 4). Nestes últimos exemplos de interdiscursividade, a intertextualidade encontra-se simultaneamente presente na recuperação de construções léxico-gramaticais prototípicas do género textual “borrowed” em cada um dos casos (Schroder & Vertergaard, 1989: 62). No exemplo 3) concentram-se marcas linguísticas de um subgénero do *aviso*: o *aviso de desaparecimento*; e, no caso 4), marcas temáticas e lexicais da lenda bíblica de Adão e do pecado original.

1.1. INTERTEXTUALIDADE: RECICLAGEM DE ‘FÓRMULAS FIXAS’²

A reciclagem de fórmulas fixas, a maior parte das vezes com modificação da fórmula original, atua também como subfenómeno da intertextualidade. Ao integrar no seu discurso expressões fixas que se cristalizaram na memória de uma comunidade, o autor apela à ‘memória discursiva’ dessa comunidade³, tornando-a mais próxima de si.

2. Utilizamos aqui a expressão ‘fórmulas fixas’ no sentido que lhe foi conferido por Grunig (1990:121).

3. Tomamos este conceito de ‘memória discursiva’ no sentido de Foucault (1969:130).

Courtine alude ao efeito de amplificação do sentido - a que nós acrescentamos a amplificação de efeitos acionais - decorrentes deste diálogo intertextual e/ou interdiscursivo que as fórmulas estabelecem entre si. Aliás, é deste diálogo que estas passagens de RAP retiram uma grande parte da sua espessura significativa e do seu efeito humorístico. A este efeito de amplificação, Courtine (1981:53) dá o nome de “effet de mémoire”:

Les objets que nous avons appelés ‘énoncés’ (...) existent dans le temps long d’une mémoire, alors que les ‘formulations’ sont prises dans le temps court de l’actualité d’une énonciation. C’est donc bien le rapport entre interdiscours et intradiscours qui se joue dans cet effet discursif particulier à l’occasion duquel une formulation-origine fait retour dans l’actualité d’une ‘conjoncture discursive’, et que nous avons désigné comme effet de mémoire.

Ao mesmo tempo, ao operar modificações sobre as fórmulas cristalizadas, o autor gera um efeito de contraexpectativa de natureza composicional, ou seja, referente à estrutura interna da própria fórmula e à probabilidade de aparição dos segmentos da lexia complexa numa determinada composição já pré-construída e fortemente inscrita na memória dos sujeitos. Grunig (1993), no quadro de uma reflexão sobre o aproveitamento de ‘lugares comuns’ no texto publicitário, propõe como conceitos analíticos o ‘efeito de banalidade’ e o ‘efeito de surpresa’ para explicar que a desmontagem de uma ‘fórmula fixa’ produz, por um fenómeno de contraexpectativa, um ‘efeito de surpresa’ inteiramente desejado no slogan publicitário. Dentro das expectativas exploráveis, a autora distingue entre a expectativa interna e a expectativa externa (ibidem: 104), consoante se trata de uma questão de natureza composicional da fórmula ou de uma questão contextual, ou seja da probabilidade de aparição da fórmula numa dada situação. No caso das crônicas de RAP, encontramos os dois efeitos de contraexpectativa combinados, pois, por um lado, o autor recupera fórmulas fixas em que produz alterações internas, estruturais pela inserção de palavras não existentes no constructo original ou pelo completamento das fórmulas através de sequências não existentes no constructo original; mas, por outro lado, o cotexto semântico e o contexto de inserção das fórmulas - em termos do género discursivo e da sua adequação pragmática - também é inesperado, gerando um efeito de *non-sense* e estranheza.

Estas modificações surtem assim um efeito de surpresa por contraposição a um efeito de banalidade fazendo subir o grau de informatividade e, logo, a ‘temperatura das mensagens’ (Pignatari, 1968: 44,45). Exemplos deste subfenómeno são as seguintes citações:

5) “...Passos Coelho interveio ainda a repressão ia no adro.” (in *Um segurança tipo Serra*, de 20/12/2012);

6) “Via verde ao peito a muitos fica bem” (in *Via verde ao peito a muitos fica bem*, de 10/05/2012);

1.2 INTERTEXTUALIDADE E POLIFONIA

A polifonia é também um marcador importante no discurso do autor que ora assume a função de sátira social, ora se encontra ao serviço da autocredibilização.

Entendendo a noção de polifonia num sentido mais alargado, relativamente ao que lhe foi imputado por Ducrot (1984) e, dessa forma, mais próximo do conceito de dialogismo de Bakhtine, verificamos que, ao invocar outras vozes no seu discurso, algumas credenciadas, outras nem tanto, o autor suporta e valida o que vai referindo. De notar que a polifonia permite por vezes a autenticação do dito e a salvaguarda da face do autor, ao se desresponsabilizar daquilo que diz; encontrando-se, outras vezes, ao serviço da sátira social, promovendo justamente a descredibilização da voz do Outro. Por vezes, o autor convoca ainda a voz “anónima” do mundo com o objetivo de envolver o leitor e reduzir a distância entre os dois. Os exemplos que se seguem ilustram várias instâncias do uso da polifonia em RAP:

7) ““Que farei quando tudo arde?”, perguntou Sá de Miranda no século XVI. “Nada”, respondeu Cavaco em 2013.” (in *Sacudir o sangue do capote*, de 21/03/2013);

8) “E deu-se como exemplo a recente intervenção de António Borges, segundo o qual os empresários portugueses críticos da TSU não passariam do primeiro ano do curso que lecciona na universidade.” (in *E, quando nada o faria prever, um insulto*, de 11/10/2012);

9) “Como disse Paulo Portas numa altura em que não fazia parte do Governo, não há alternativa credível a esta coligação.” (in *Portas ao poder, abaixo Portas*, de 27/09/2012);

10) *Há quem sinta a tentação de se abeirar de uma destas janelas de oportunidade e de se atirar cá para baixo.*” (In *Carta aos 19%*, de 27/03/2013);

11) “Alguém substituiu a cortina de ferro por aquela cortina que, nos aviões, separa a ralé da primeira classe.” (in *O mundo não querará fazer o favor de estar quieto?*, de 17/01/2013);

12) “Quando se diz que o sistema político português é semi-presidencialista, o aspecto fundamental a reter é aquele “semi”. (in *O semicavaco, um conceito ignorado pela ciência política*, de 27/12/2012);

É de notar que em muitos dos exemplos extraídos das crónicas do autor verificamos a presença de um ‘nós inclusivo’, que atua como mecanismo de solidariedade do autor com o leitor. Atendendo ao último exemplo referido acima, 12) “Quando se diz que o sistema político português é semi-presidencialista, o aspecto fundamental a reter é aquele “semi”. Neste momento, o nosso semipresidencialismo deve-se ao facto de termos um semipresidente...” (in *O semicavaco, um conceito ignorado pela ciência política*, de 27/12/2012), verificamos que este mecanismo de solidariedade resulta numa estratégia de aproximação, pois o leitor é envolvido no discurso transformando-se em co-enunciador do mesmo⁴. Esta seria, de acordo com Brown & Levinson (1987), uma das estratégias de “claiming common ground with the addressee”, uma estratégia de delicadeza positiva orientada para o destinatário.

4. Verificar a este propósito Charaudeau (1995: 102).

2. REGISTO COLOQUIAL E CONSTRUÇÃO DO HUMOR

Outra estratégia de geração do humor e de aproximação do leitor que RAP utiliza na sua escrita é o uso do registo coloquial informal. A lexemas e expressões mais elaboradas, o autor opõe expressões mais coloquiais que desenvolvem um estilo oralizante. Exemplos disso são as citações seguintes:

- 13) “*Que diabo, isso tem de te tranquilizar...*” (in *Carta aos 19%*, de 27/03/2013);
- 14) “*Eles também não concordam com nada do que o Governo faz, mas não têm outro remédio senão amochar.*” (in *Matrioska de omissões*, de 14/02/2013);
- 15) “*Embrulhem.*” (in *Miss Povo 2012*, de 18/10/2012);
- 16) “*La Fontaine precisa mesmo de ir para o raio que o parta.*” (in *O Governo enquanto maço de cigarras*, de 04/10/2012);

Além das expressões idiomáticas que o autor convoca frequentemente, concorre para este tom coloquial uma outra marca, a saber, as frases curtas, que reforçam e comentam o dito, compartimentando o mesmo em segmentos de informação estanques, muitas vezes reduzidos ao nível do sintagma - “*De acordo.*” (in *O mundo não querará fazer o favor de estar quieto?*, de 17/01/2013); “*Não admira.*” (in *Miss Povo 2012*, de 18/10/2012); “*Tanto faz.*” (in *No tempo em que os jornais contavam*, de 13/06/2012). Estes segmentos curtos, que ora encerram atos linguísticos de comentário ora de resposta a perguntas simuladas, instaurando momentos de polifonia concordante e discordante consoante os casos, ajudam a construir o tom dialogal no discurso.

Como frequentemente um segmento com interferência do registo oral coloquial é sucedido ou precedido de um outro com marcas expressas de formalidade, a contraposição de registos numa mesma sequência discursiva causa um efeito de inesperado e gera uma quebra de expectativa da qual resulta o efeito humorístico.

3. ANOMALIAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS E CONSTRUÇÃO DO HUMOR

Esta quebra de expectativas verifica-se ainda na frequente contraposição de elementos incompatíveis nos mesmos enunciados. Nos exemplos que se seguem, a quebra de expectativas e o efeito de inesperado decorrem de anomalias semântico-pragmáticas que “originam o paradoxo humorístico e provocam a intersecção de diferentes planos cognitivos da realidade” (Adão, 2008: 41):

17) “Sabendo de antemão que os críticos não teriam o discernimento necessário para distingui-la da inactividade irresponsável, mesmo assim o Presidente arriscou levar a cabo uma inacção preta de significado, sustentada por um silêncio extremamente fecundo.” (in *Sacudir o sangue do capote*, de 21/03/2013);

18) “Os verdadeiros dinossáurios dominaram a terra durante cerca de 135 milhões de anos, e os dinossáurios autárquicos apenas poderão fazê-lo por escassos 3696.” (in *Com uma letrinha apenas*, de 07/03/2013);

19) “Percebendo que, devido à teimosia do povo, o plano está a falhar, o governo decidiu rever radicalmente as suas políticas e apresentar uma alternativa à austeridade: mais um pouco de austeridade.” (in *A austeridade é como as cerejas*, de 05/07/2013);

As anomalias semântico-pragmáticas transgridem as leis da lógica, entendida de uma forma alargada, no sentido que lhe confere Grunig quando fala de uma ‘lógica natural’ que inclui o conjunto de relações e formas de encadeamento conceptual,

(...) qui ne sont pas affectés au discours scientifique et orientent pourtant quotidiennement le cours de notre pensée mise en mots (ou même nos actions non verbales). Cette logique-là, largement différente de la précédente, est toute aussi normée et réglée qu’elle. Les lois sont autres, mais, de fait, elles existent. Nous les connaissons peut être mal, mais elles nous contraignent. On dit souvent de cette autre logique qu’elle est ‘naturelle’. Je conserverais ici le terme, même s’il m’apparaît dissimuler indument la genèse sociale des contraintes logiques et les processus d’acquisition dont elles résultent. (Grunig, 1990.91)

Os ‘ilogismos’ produzidos por RAP, por vezes explicáveis pela violação das leis da lógica clássica, por vezes pela violação de outras leis de natureza pragmática, e o efeito de estranheza que geram são frequentemente os responsáveis pela situação de humor.

4. MARCAS DE MODALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO HUMOR

As marcas de modalização que percorrem os textos de RAP permitem o seu posicionamento face ao tema que aborda e face ao seu alocutário. Nos artigos analisados são

incontáveis as marcas de modais epistémicos (expressões gramaticais que se reportam ao eixo do saber, que exprimem o grau de conhecimento/crença relativamente ao dito), deônticos (ligados ao domínio do dever, da obrigação, da recomendação) e apreciativos (usados para veicular a apreciação, o juízo de valor que o locutor transmite sobre o dito).

De referir que as marcas de atenuação constantes verificadas neste discurso, que, em contexto normal, permitiriam intervir sobre a força ilocutória dos atos de linguagem executados, minimizando a mesma (Briz e Albelda, 2013), se encontram no discurso de RAP ao serviço da construção da ironia e do humor, produzindo, assim, por vezes, um efeito contrário de reforço da força ilocutória do ato. Este reforço da força ilocutória resulta justamente da aplicação irónica dos modais epistémicos “*poder*”, “*parecer*”, do advérbio “*talvez*” ou das construções “*É provável*” e “*É possível*”, que simulam um distanciamento epistémico por parte do locutor em contextos em que esse distanciamento é falso. Vejam-se os exemplos abaixo:

20) “O teu desemprego, **embora possa ser ligeiramente desagradável para ti, é medicinal para a nossa economia.**” (in Carta aos 19%, de 27/03/2013);

21) “A grande diferença entre o povo italiano e o povo português é que os italianos votaram num palhaço e os portugueses votaram numa anedota. Eles elegeram o criador, nós elegemos a criatura. **Tanto política como humoristicamente, a escolha dos italianos parece mais sensata.** O palhaço sempre pode ir inventando piadas novas, ao passo que a anedota não muda. E, quanto mais conhecemos uma anedota, menos graça lhe achamos.” (in Subtilezas político-humorísticas, de 14/03/2013);

22) “Que farei quando tudo arde?”, perguntou Sá de Miranda no século XVI. “Nada”, respondeu Cavaco em 2013. **Quem esteve 500 anos à espera talvez preferisse uma resposta mais completa, mas esta é menos simples do que parece.** O prefácio do novo livro de intervenções públicas do Presidente da República esclarece aqueles rústicos que não sabem apreciar os vários tipos de silêncio nem os benefícios sociais da inacção.” (in Sacudir o sangue do capote, de 21/03/2013);

23) “Eu gosto muito do Natal, pois ele dá-nos o leite e a pele para fazer sapatos. Peço desculpa, entusiasmei-me com o ambiente de mensagens natalícias pueris e baralhei duas redacções que estava a preparar. **É possível que a mensagem de Natal do Presidente da República tenha exercido sobre mim uma influência muito nociva.**” (in Um mediano Natal e um ano novo cheio de moderada felicidade, de 03/01/2013);

No domínio dos deônticos, encontramos um caso semelhante, já que as ocorrências em que os diretivos surgem no discurso de RAP são ocorrências em que se enunciam regras inaceitáveis ou absurdas, pelo que estas se salientam pelo seu carácter “infeliz” no sentido que lhe dá Searle (1969).

Efetivamente, estes diretivos estão votados ao insucesso porque o locutor não pode legitimamente executar as recomendações presentes, por exemplo, nas ocorrências 24) e 25) abaixo, vinculando o alocutário à execução daqueles atos futuros, partindo do princípio de que o alocutário está disponível, qualificado e empenhado em as executar, uma vez que se trata de recomendações tais como ‘sentir-se tranquilo por estar desempregado’ e ‘abandonar a sua zona de conforto e emigrar’. Tal como indica Casanova (1996: 432), por um lado: “a realização do conteúdo proposicional proposto não é sancionável”; por outro lado, ainda, a sugestão, ao contrário do pedido, visa beneficiar o alocutário, sendo tipicamente favorável ao mesmo, condição que, dado o conteúdo proposicional das sugestões / recomendações em causa, não se encontra reunida:

24) “*Tem calma. E não te preocupes. O teu desemprego está dentro das previsões do governo. **Que diabo, isso tem de te tranquilizar de algum modo.** Felizmente, a tua miséria não apanhou ninguém de surpresa, o que é excelente. A miséria previsível é a preferida de toda a gente. Repara como o governo te preparou para a crise.*” (in Carta aos 19%, de 27/03/2013);

25) “*Os portugueses vivem acima das suas possibilidades. **Deviam abandonar a sua zona de conforto e emigrar. Fariam melhor** se deixassem de ser piegas. E, além do mais, são preguiçosos, como as cigarras. O povo português é, globalmente, uma cigarra caloteira, lamechas e excedentária. Que o Governo continue interessado em dirigir este lamentável insecto, é quase milagroso.*” (in O Governo enquanto maço de cigarras, de 04/10/2012);

26) “*Uma coisa é desejar “boas festas”. Outra é desejar “boas festas num quadro alargado de cooperação institucional dos organismos políticos e democráticos”. Pessoalmente, achei a troca de palavras fraterno-políticas bastante engraçada. Mas apenas tão engraçada quanto possível. Não gostaria de ultrapassar os limites do possível, também na comicidade. **Há que cortar um bocadinho em tudo.***” (in Um mediano Natal e um ano novo cheio de moderada felicidade, de 03/01/2013);

27) “Portugal, enquanto país do segundo mundo e meio, **tem de se dar mais ao respeito.**” (in *A Pórtela nunca aterrou no FMI*, de 24/01/2013);

As manifestações da modalidade apreciativa são inúmeras como seria de esperar num género de discurso que se assume como sendo opinativo-argumentativo. São momentos privilegiados de inscrição do sujeito enunciador no discurso, através de vestígios explícitos de subjetividade, tendo em consideração a proposta de Kerbrat-Orecchioni (1980) sobre os ‘subjectivèmes’.

Reunimos abaixo alguns exemplos dos mesmos:

28) “**Felizmente, a tua miséria não apanhou ninguém de surpresa, o que é excelente.**” (in *Carta aos 19%*, de 27/03/2013);

29) “**Por sorte, trata-se de um silêncio virtuoso.**” (in *Sacudir o sangue do capote*, de 21/03/2013);

30) “**Analisando friamente a nomeação, constatamos que é um escândalo e uma vergonha.** (...) Mas, analisando-a ainda mais friamente, concluímos que talvez faça sentido.” (in *Matrioska de omissões*, de 14/02/2013);

O estudo dos veículos linguísticos desta modalidade em RAP daria, por si só, corpo a uma dissertação inteira. Neste momento, salientaremos apenas que existem dois planos da expressão da modalidade apreciativa em RAP, o plano explícito e o plano implícito. O plano explícito, presente naqueles cotextos em que RAP exprime abertamente um posicionamento - quase nunca identificável com ‘o seu posicionamento’ - sobre um dado conteúdo proposicional através de um léxico ou de outras construções de carga semântica apreciativa forte (como se pode constatar pelos sublinhados nos exemplos acima) é normalmente o veículo por excelência da ironia, do sarcasmo e do humor com que este autor sobrecarrega os seus textos. Com efeito, em todos os momentos em que RAP assume um posicionamento apreciativo explícito sobre um conteúdo ele comunica normalmente duas coisas:

1- que esse não é o seu posicionamento pessoal

2- que esse posicionamento não é sequer aceitável num quadro de valores de razoabilidade, não sendo, portanto, partilhado pela comunidade leitora.

Para encontrarmos o verdadeiro posicionamento de RAP temos então de procurar o segundo plano da manifestação da modalidade apreciativa no seu texto que não se aloja nestes veículos linguísticos expressos referidos acima, mas antes na constante filigrana irônica que perpassa no seu discurso.

CONCLUSÃO

As recorrências enunciativo-pragmáticas das crônicas de RAP relevadas aqui, das quais recordamos o diálogo intertextual e interdiscursivo que o autor estabelece com outros textos e outras macroestruturas discursivas; a polifonia, através de convocação das vozes de outros ora para validar o dito, ora para desqualificar o Outro; a construção de um registo informal que promove um tom dialogal e coloquial nos seus textos; a junção de elementos semanticamente e pragmaticamente incompatíveis numa mesma sequência textual e ainda os usos irônicos e desviados de operadores de modalização epistémica, deôntica e apreciativa, são marcadores que permitem individualizar a sua escrita, trabalhando em conjunto para lhe dar o profundo tom irônico e sarcástico que a caracteriza.

REFERÊNCIAS

- Adão, T. (2008). *O lado mais sério do humor – uma perspectiva sociolinguística do discurso humorístico*. (1.ª ed.). Penafiel: Editorial Novembro.
- Authier-Revuz, J. (1984). Hétérogénéité(s) Énonciative(s). *Langages*, (73). Paris: Larousse, 98-111.
- Bakhtine, M. (1977). *Le Marxisme et le Philosophie du Langage – essai d'application de la méthode sociologique en Linguistique*. Paris: Éditions de Minuit.
- _____(1984). *Esthétique de la Création Verbale*. Paris: Éditions de Minuit.
- Barthes, R. (1973). Texte (théorie du). *Encyclopaedia universalis*. Paris: Encyclopaedia Universalis.
- Briz, A. (1998). *El español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatística*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Briz, A. & Albelda, M. (2013). Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español e portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomazéin*, 2(28). Santiago de Chile: Universidad Católica de Chile, 288- 319.
- Casanova, I. (1996). A força ilocutória dos actos directivos. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 429-436.
- Charaudeau, P. (1983). *Language et Discours*. Paris, Hachette.
- _____(1995). Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, (117). Paris: Larousse, 96-111.
- Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil.
- Courtine, J.J. (1981). Analyse du Discours Politique. *Langages*, (62). Paris: Larousse, 9-128.
- Ducrot, O. (1984). *Le Dire et le Dit*. Paris: Éditions de Minuit.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- Fiorin, J. L. (2003). *Polifonia textual e discursiva. Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo: EdUSP, 29-36.
- Foucault, M. (1969). *L'Archéologie do savoir*. Paris: Gallimard.

Grunig, B.-N. (1993). Signifiants reçus, processus de saturation et paramètres – Sur l'exemple de la publicité. *Lieux Communs – Topoi, Stéréotypes, Clichés*. Paris: Editions Kimé, 103-110.

Kerbrat-Orechionni, C. (1980). *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.

_____ (2006). *Análise da Conversação, princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.

Kristeva, J. (1967). Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. *Critique*, (239). Paris: Éditions de Minuit, 438-465.

Maingueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod.

Moirand, S. (1988). *Une histoire de discours... une analyse des discours de la revue "Le Français dans le Monde" 1961-1981*. Paris: Hachette.

Pignatari, D. (1977). *Informação, Linguagem, Comunicação*. (8.^a ed.). São Paulo: Cultrix.

Pinto, A. G. (2013). Marcas de dialogismo e polifonia nos manifestos políticos das presidenciais de 2011. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, (8). Lisboa: Colibri, 195-212.

Schroder, K. & Vestergaard, T. (1989). *The language of advertising*. (3.^a ed.). Oxford: Blackwell.

Searle, J. (1969). *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vion, R. (2006). Modalisation, dialogisme et polyphonie. *Le sens et ses voix. Dialogisme et polyphonie en langue et en discours. Recherches Linguistiques*, (28). Metz: Université Paul Verlaine, 105-123.

